



PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

2017

Diretora da escola	Supervisor(a) de Ensino	Dirigente Regional de Ensino
<hr/> <hr/>		

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 A INSTITUIÇÃO	5
2 HISTÓRICO	5
3 IDENTIDADE	6
4 PROPOSTA PEDAGÓGICA	9
5 VALORES	10
6 INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE.....	13
7 SETAS DO CAMINHO.....	13
7.1 Referenciais teóricos.....	15
8 OS PROTAGONISTAS.....	15
8.1 Educador	16
8.2 Educando.....	17
8.3 Família	17
8.4 Gestão Pedagógica	19
9 RECURSOS PEDAGÓGICOS	20
9.1 Tutoria	20
9.2 Roteiro de Estudos	21
9.3 Plano do Dia	21
9.4 Espaços de aprendizagem.....	22
9.5 Grupo de responsabilidade.....	22
9.6 Assembleia	23
10 CONDUTORES DO CAMINHO.....	24
10.1 Tutor	24



Av. Barão do Rio Branco, 149
São José dos Campos – SP
CEP 12242-800
Tel. 12 3911.1699 espiral.escolaviva@gmail.com

10.2 Especialistas	24
10.3 Oficineiros	25
11 FORMA DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA	25
12 CURRÍCULO	26
13 AVALIAÇÃO	28
13.1 Instrumentos de avaliação	29
13.2 Processos de avaliação	30
13.3 Autoavaliação	31
14 GESTÃO	32
15 ACOLHIMENTO DE NOVAS FAMÍLIAS	32
16 BIBLIOGRAFIA	34

APRESENTAÇÃO¹

A escola é produto histórico, organismo vivo em seu tempo, e neste século XXI encontra-se em meio a um contexto marcado por grandes mudanças. A intensa comunicação global, a multiplicidade de culturas que agora se encontram e interagem, as profundas questões éticas suscitadas pelo avanço da ciência e da tecnologia, os desafios ambientais, que evidenciam a interligação entre lugares, comunidades e ações, demandam uma escola que possa dialogar com essa realidade e oferecer condições para que as crianças se desenvolvam plenamente, com segurança sobre sua identidade individual e coletiva e consciência de seu papel no mundo.

Acompanhando a maior diversidade proporcionada pela democratização da vida e da escola, assim como por uma maior consciência coletiva a respeito dos direitos humanos, a escola deve respeitar, acolher e atender a diversidade de educandos, educadores e famílias, de maneira a se oferecer como espaço de efetivação e exercício de práticas inclusivas.

É fundamental que a escola possa formar um indivíduo pleno, capaz de fazer a ponte entre as conquistas científicas, éticas, filosóficas, tecnológicas de nosso tempo e aqueles que delas mais necessitam, para que se mitigue a fome, a pobreza, a injustiça, a degradação ambiental, entre outros problemas que ainda persistem.

¹ Optou-se, neste documento, por utilizar o gênero gramatical masculino em casos que compreendem ambos os gêneros (por exemplo, educando para indicar educanda e educando). Reconhecemos e procuramos praticar a linguagem inclusiva, mas optamos por acompanhar a norma padrão por ser amplamente compartilhada, o que favorece a clareza, precisão e concisão que este documento exige.

1 A INSTITUIÇÃO

A Espiral Escola Viva é uma instituição de ensino laica e particular, com sede na av. Barão do Rio Branco, 149, no bairro Jardim Esplanada, em São José dos Campos, São Paulo, que oferece Ensino Fundamental I e II. Tem como mantenedora a Comunidade de Aprendizagem Livre, registrada sob o CNPJ 28.555.476/0001-08.

2 HISTÓRICO

Todo conhecimento começa com o sonho.

O sonho nada mais é que a aventura pelo mar desconhecido, em busca da terra sonhada. Mas sonhar é coisa que não se ensina, brota das profundezas do corpo, como a alegria brota das profundezas da terra. Como mestre só posso então lhe dizer uma coisa. Contem-me os seus sonhos para que sonhemos juntos.
(Rubem Alves)

O Projeto Pedagógico da Espiral Escola Viva nasceu da iniciativa de um grupo de famílias, educadores e crianças que, pensando a educação e compartilhando suas experiências, vivências, saberes e sonhos, decidiu colocar em prática um fazer educativo que atenda às atuais políticas e diretrizes educacionais, valorizando as conquistas democráticas e as garantias de direitos dispostas na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), e responda às demandas da contemporaneidade, focando no desenvolvimento da autonomia da criança e valorizando suas capacidades individuais e o trabalho coletivo.

Como consenso, sentiu-se que é imprescindível agir no presente para que se possa praticar uma pedagogia que atenda a necessidades individuais e coletivas, com respeito e cuidado, considerando todos os envolvidos no processo educativo como seres humanos integrais. Assim, é possível oferecer uma educação que prepare as crianças para desenvolverem autonomia, compreendendo e modificando a realidade a partir de valores que visem ao bem comum.

A construção da nova escola começou a ser realizada em encontros de formação, debates, visitas a escolas inspiradoras de novas pedagogias e estudo de projetos pedagógicos que se alinham com as expectativas do grupo.

Em contato com experiências de educação inovadoras, vislumbrou-se que uma transformação na maneira de se fazer a escola é, sim, possível e que a insatisfação pode ser revertida em ação.

Nesse caminhar, encontros com pessoas inspiradoras e profissionais da educação foram guiando as pesquisas e fornecendo os nortes do Projeto que começou a se delinear. O coletivo aprofundou o estudo da legislação pertinente à educação e no presente ano incorporou a educadora Claudia Duarte, cuja concepção de educação e prática pedagógica são pertinentes aos objetivos do Projeto, na direção de uma pedagogia cujo propósito faça sentido também para as crianças.

3 IDENTIDADE

A escola é uma invenção histórica e pode, portanto, desaparecer. Mas isso também significa que a escola pode ser reinventada, e é precisamente isso o que vemos como nosso desafio e, como esperamos deixar claro, a nossa responsabilidade no momento atual.
(Jan Masschelein, *Em defesa da escola*)

A escola acompanha as transformações pelas quais passam a sociedade, a família, a educação e, nesse sentido, é desafiada a reinventar-se, para dar conta da realidade atual. Para isso, deve desempenhar a importante e essencial função de promover o desenvolvimento dos seres humanos – tanto os da comunidade escolar, como os da sociedade em que se insere –, para que sejam sujeitos autônomos, conscientes de sua identidade, responsabilidade e papel social.

Nesse sentido, a escola deve atuar em dois âmbitos: no social – que envolve a educação, a pedagogia, os conteúdos, as competências – e no individual – que compreende as relações e os vínculos entre as pessoas.

No centro da escola que sonhamos está a ideia de cuidar. Para Leonardo Boff, “o que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro” (1999, p. 11). Nesse sentido, acreditamos no cuidar como um valor humano, uma atitude que é preciso almejar ser incondicional, compartilhada e solidária, e entendemos que aprender a cuidar é um processo em constante desenvolvimento. É com essa atitude de cuidado mútuo entre educadores, famílias e crianças que este Projeto Pedagógico está sendo elaborado e será realizado na prática diária.

A Espiral Escola Viva é feita por famílias, educadores e crianças em uma dinâmica de coautoria. Isso significa que as famílias não apenas matriculam as crianças na escola, mas participam efetivamente dela; os educadores não apenas trabalham na escola, mas pensam nela; e as crianças não apenas frequentam a escola, mas tomam decisões a respeito de sua vida escolar, junto com os adultos. Portanto famílias, educadores e crianças *são* a escola, considerando cada momento, espaço ou contexto como uma situação de aprendizagem.

Nessa perspectiva, todos são, simultaneamente, sujeitos “aprendentes” e “ensinantes”. Tanto ao educando quanto ao educador são propiciadas condições para que mostrem o que sabem, exponham ideias, opiniões e hipóteses, criando-se, assim, um amplo leque de oportunidades para a manifestação das subjetividades, o que conduz à transformação e à aprendizagem. “Ensinante” e “aprendente”, dessa forma, não são posições fixas, mas papéis que se mesclam nas relações humanas entre todos os participantes da comunidade escolar. Aquele que está na posição de “ensinante” conduz o caminho do “aprendente” a partir dos interesses, da cultura, da história familiar, das formulações, descobertas e hipóteses deste, regulando sua ação para que o “aprendente” possa se constituir como sujeito autor de sua própria aprendizagem.

Tendo como norte uma educação que busque, no sentido mais amplo possível, a realização plena do ser humano nas suas múltiplas condições, como a cognitiva, social,

emocional, artística, cultural, identitária, ambiental, espiritual, este Projeto Pedagógico visa à educação para a liberdade de ser humano em toda sua potencialidade criativa.

Abandonando a hierarquia entre mestre e discípulo, educadores e familiares, junto com os educandos, promovem o aprendizado, que se efetiva na troca de experiências, conhecimentos, saberes, ideias, opiniões, gostos e sonhos.

A escola que aqui se delineia não apenas deverá servir a um determinado grupo de famílias, educadores e crianças, mas ser útil e relevante nas diversas esferas de sua atuação na sociedade, atendendo à diversidade de maneira ampla.

Para alcançar esses objetivos, propiciamos o desenrolar de um processo de idealização por meio do qual estabelecemos projetos originados na sociedade e criamos valores traduzidos em regras, normas e leis organizadoras do espaço, do tempo e das tarefas, conclamando os personagens inseridos nesse contexto a aderirem a esses ideais. Almejamos que esta escola, mesmo sendo uma instituição privada, não tenha fins lucrativos e que suas despesas e gestão sejam partilhadas pelas famílias.

Este Projeto Pedagógico assume uma clara identidade ideológica, expressa por uma pedagogia que busca promover em seus processos autonomia, transformação da sociedade e protagonismo de todos os que dele participam.

A busca do conhecimento, do autoconhecimento, da experiência individual e coletiva é proporcionada por uma escola em que educandos, educadores e familiares se relacionem e convivam de forma afetuosa entre si, desenvolvam o gosto pelo conhecimento e aprendizado, vivenciem o consenso, desenvolvam a autonomia do indivíduo e a autonomia do coletivo, a organização, a iniciativa, a independência, a habilidade de pesquisa e a solidariedade.

Mais que um documento acabado, este Projeto Pedagógico é um referencial para um exercício permanente de reflexão sobre a prática escolar, incorporando uma multiplicidade de olhares: dos educadores, educandos, famílias e comunidade, para que a escola esteja sempre se aperfeiçoando.

Assim, os aprendizados resultantes da experiência de cada ano letivo serão objeto de reflexão e servirão de subsídios para a atualização deste Projeto Pedagógico no ano subsequente.

4 PROPOSTA PEDAGÓGICA

A Espiral Escola Viva acredita que o acesso ao conhecimento é fundamental para a emancipação do indivíduo, a universalização da democracia, a eliminação das desigualdades e a construção de um projeto de desenvolvimento material, social e humano sustentável. Assim sendo, assume para si, enquanto comunidade de aprendizagem, a função de participar da socialização do saber e da difusão dos bens culturais da humanidade, não apenas para seus educandos, educadores e famílias, mas também para todos os outros segmentos da sociedade que tiver a possibilidade de influenciar.

Consideramos que todo conhecimento verdadeiramente significativo é autoconhecimento, o que determina a necessidade de ser construído, heurísticamente, pela própria pessoa a partir da experiência.

A escola tem como responsabilidade acompanhar o percurso do educando na construção do seu projeto de vida, atentando à singularidade que lhe é inerente, o que impõe uma gestão individualizada do seu percurso de aprendizagem.

A essencialidade de qualquer saber ou objetivo concreto de aprendizagem deverá ser aferida pela sua relevância para apoiar a aquisição e o desenvolvimento das competências e atitudes verdadeiramente estruturantes da formação do indivíduo.

Serão valorizadas as aprendizagens significativas numa perspectiva interdisciplinar e holística do conhecimento, estimulando-se permanentemente a percepção, a caracterização e a solução de problemas, de modo a que educandos trabalhem conceitos de uma forma consistente e continuada, reelaborando-os em estruturas cognitivas cada vez mais complexas.

O envolvimento dos educandos em diferentes contextos socioeducativos e a

complementariedade entre situações formais e informais favorecem a identificação de realidades que frequentemente escapam às práticas de escolarização e ensino.

E a avaliação, como processo regulador das aprendizagens, orienta construtivamente o percurso escolar de cada educando, permitindo-lhe em cada momento tomar consciência, pela avaliação positiva, do que já sabe e do que já é capaz.

O Projeto Político-Pedagógico, enquanto referencial de pensamento e ação de uma comunidade que se revê em determinados princípios e objetivos educacionais, baliza e orienta a intervenção de todos os agentes e parceiros na vida da escola e ilumina o posicionamento desta em face da administração educativa.

5 VALORES

Quando dizemos que educadores, educandos e famílias são a escola, isso significa que se comprometem, num esforço permanente e coletivo, a introjetar seus valores e praticá-los, aproximando-se cada vez mais de atitudes coerentes com a cultura da escola.

Para que esses valores se efetivem no dia a dia escolar, as ações pedagógicas e de gestão devem se pautar por:

Autonomia: refere-se, por um lado, a um nível de desenvolvimento psicológico, implicando, dessa forma, uma dimensão individual, e, por outro lado, a uma dimensão social. Autonomia pressupõe uma relação com os outros. Não existe autonomia pura, como se fosse uma capacidade absoluta de um sujeito isolado. Nesse sentido, trata-se da perspectiva da construção de relações de autonomia. Por isso, só é possível realizá-la como processo coletivo que implica relações de poder não autoritárias. Esse processo não dispensa a participação da autoridade dos educadores na sua orientação; o que se coloca é a necessidade de essa autoridade ser construída mediante a assunção plena da responsabilidade de educar, de intervir com discernimento e justiça nas situações de conflito, de se pautar coerentemente pelos mesmos valores colocados como objetivo da

educação e de reconhecer que a autoridade na escola se referenda numa sociedade que se quer democrática.

Respeito: significa preservar a individualidade do outro, considerando as suas necessidades físicas, emocionais, intelectuais e espirituais e preservando seus valores, história pessoal e cultura, de maneira a prevalecer uma perspectiva inclusiva em todas as ações da escola. O respeito implica o reconhecimento dos papéis sociais nas diversas interações, o cumprimento de normas multilaterais – respeito mútuo –, a convivência dentro da diversidade e a reciprocidade no tratamento. Ele se efetiva na escuta e na observação das necessidades do outro e no diálogo para formular normas consensuais. Respeitar não significa concordar com as ideias do outro, mas acatar as decisões coletivas por saber que elas são o melhor para o Projeto. Respeitar também envolve não discriminar ou ofender alguém por causa da sua forma de viver ou de suas escolhas, nem se engajar em interações que diminuam, machuquem, desprezem ou ofendam o outro.

Sustentabilidade: significa orientar as decisões e ações no sentido de promover a valorização dos recursos humanos, ambientais e sociais, buscando um desenvolvimento capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender às das futuras gerações. Caracteriza o desenvolvimento que não esgota os recursos para o futuro, sendo ecologicamente correto, economicamente viável, socialmente justo e culturalmente diverso. Para Leonardo Boff, sustentável é toda ação destinada a manter as condições energéticas, informacionais e físico-químicas que sustentam todos os seres, especialmente a Terra viva, a comunidade de vida e a vida humana, visando à sua continuidade e ainda a atender às necessidades da geração presente e das futuras de tal forma que o capital natural seja mantido e enriquecido em sua capacidade de regeneração, reprodução e coevolução. Sustentabilidade como valor é trabalhar as relações de forma que a coexistência com respeito e sabedoria torne a convivência e a escola sustentáveis.

Sabedoria: significa a não-discriminação, a abertura para a diversidade cultural, social e histórica, o tratamento equânime. Implica a reflexão livre de pré-julgamentos e juízos de valor, abandonando-se maniqueísmos e dualidades, considerando que todos têm os mesmos

direitos, mas levando em conta suas particularidades, ritmos, momentos, necessidades, favorecendo que a escola se efetive como espaço de inclusão. É a qualidade que dá sensatez, prudência e moderação à pessoa, adquirida por meio do conhecimento, compreensão, experiência e ação. Relaciona-se à maturidade que o indivíduo adquire com a vida (em contraposição ao talento, que é uma habilidade natural, e à perícia ou conhecimento técnico). Está dissociada da inteligência (QI), do conhecimento técnico-científico ou do desempenho escolar e se relaciona à capacidade de discernir a verdade e ao exercício do bom senso. Envolve as relações, orientações e aprendizados que desenvolvam na criança a consciência de si e do próximo, orientando as ações e comportamentos para o bem do coletivo, e não para apenas favorecer um ou alguns.

Solidariedade: sentimento ou atitude que se origina da compreensão das necessidades do outro e se realiza no sentido de supri-las. Compreende a ideia de que o bem comum tem importância maior que os benefícios pessoais e a utilização desse critério na tomada de decisões e na prática diária. Demanda a capacidade de ser receptivo ao sofrimento do outro e de mobilizar-se para mitigá-lo, envolvendo responsabilidade recíproca. Quando existem a interdependência e o reconhecimento de que todos são importantes, a solidariedade se manifesta no cuidar mútuo entre todos os membros da comunidade.

6 INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros.

(Paulo Freire)

O fato de o ser humano ser, ao mesmo tempo, absolutamente igual em sua essência humana e absolutamente diferente na singularidade de sua pessoa é que constitui a beleza e a riqueza da humanidade. Entretanto, historicamente, o homem tem se mostrado intolerante com a diferença, gerando diversos processos de exclusão: por etnia, por condição social, por religião, por opção sexual, por condições físicas ou mentais etc. Estamos, atualmente, vivendo uma fase de transição em que um grande esforço é realizado para que nossa sociedade torne-se inclusiva, o que significa não só acolher, mas valorizar a diferença.

Na escola, isso implica reconhecer o direito de todo e qualquer criança e jovem à educação em uma escola regular. Nesse sentido, toda a dinâmica pedagógica da Espiral Escola Viva contempla igualmente os educandos da Educação Regular e da Educação Especial, orientada pelo disposto na Lei 9.394/96 e Deliberação CEE 149/2016.

7 SETAS DO CAMINHO

Caminhante, são teus passos
o caminho e nada mais;
Caminhante, não há caminho,
faz-se caminho ao andar.
Ao andar se faz caminho,
e ao voltar a vista atrás
se vê a senda que nunca
se voltará a pisar.
Caminhante, não há caminho,
mas sulcos de escuma ao mar.
(Antonio Machado)

A partir de reflexões coletivas, de experiência acumulada e referenciais teóricos, estabelecemos diretrizes para a sustentabilidade da Espiral Escola Viva:

1. Este Projeto Pedagógico foi formulado e será atualizado em consenso entre o grupo de famílias, educadores e crianças que são a própria escola.
2. As decisões referentes a todos os processos que ocorrem na escola sempre serão tomadas por consenso.
3. O processo educativo será compartilhado por educadores, educandos e famílias, que se orientarão por uma atuação coesa e solidária, com uma intenção educativa claramente reconhecida e assumida, explicitada neste Projeto Pedagógico.
4. O Projeto Pedagógico orienta-se no sentido da formação de cidadãos cada vez mais autônomos, responsáveis e comprometidos com a construção de um destino coletivo e de uma sociedade que propicie a afirmação das qualidades mais positivas de cada ser humano, em suas múltiplas esferas da vida.
5. Ao pensarmos a escola, devemos nos lembrar de que ela não é algo fixo e isolado, mas está em constante transformação e é parte integrante de um sistema dinâmico e em interação com a sociedade e a comunidade em que se insere.
6. As práticas diárias são impregnadas pelo Projeto Pedagógico e pelos Valores que o inspiram e orientam: Autonomia, Respeito, Sustentabilidade, Sabedoria, Solidariedade.
7. O processo educativo e as relações valorizarão o “fazer com” – ações que promovam a ajuda mútua e a cooperação –, em lugar do “fazer para” – atitude que se restringe à realização mecânica e desprovida de sentido.
8. O processo educativo e as relações valorizarão o “falar com” – atitude de troca, diálogo e empatia entre os integrantes da comunidade escolar –, em lugar do “falar de” – postura que cria juízos e distancia pessoas.
9. O Projeto Pedagógico é a referência central das ações e decisões, balizando e orientando as intervenções de todos os agentes envolvidos no processo educativo.
10. A partir da assinatura do contrato de trabalho dos educadores e termo de compromisso das famílias, todos os integrantes da comunidade escolar assumem um pacto de responsabilidade, ou seja, um compromisso de respeitar, praticar e pensar os ideais expostos neste documento.

7.1 Referenciais teóricos

O referencial teórico da Espiral Escola Viva é múltiplo, alicerçando-se nos seguintes autores, entre outros: Paulo Freire, Jussara Hoffman, Alícia Fernandes, José Pacheco, Rubem Alves, Jean Piaget, Lev Vigotski, Pedro Demo, Lauro de Oliveira Lima, Agostinho da Silva, Humberto Maturana, Cecília Meirelles, Célestin Freinet, Anton Makarenko, Noam Chomski, Yves de la Taille, Moacir Gadodi, Emilia Ferreiro, Edgar Morin, Leonardo Boff, Darcy Ribeiro.

8 OS PROTAGONISTAS

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(João Cabral de Melo)

Nosso trabalho pressupõe uma desconstrução cultural e uma nova construção que aproxime os integrantes da comunidade escolar de valores internos que possam ser colocados em prática rumo a uma educação inovadora. Quando há valores comuns, acontece o trabalho em equipe, em que ninguém é deixado para trás. Atitudes e valores são fundamentais, ponto de partida para que possa nascer um trabalho coeso, comprometido com a formação consistente, continuada e permanente.

Assim, os educadores, tanto os profissionais qualificados, quanto os familiares – como coautores da escola –, são pesquisadores, que pensam a educação, refletem sobre seu trabalho, questionam e se dispõem a mudanças.

É fundamental para a efetivação dos objetivos deste Projeto Pedagógico trabalhar e se

relacionar com confiança, respeito mútuo e transparência. A resolução de conflitos por meio do diálogo e da autopercepção, em que se exercita o “falar com as pessoas”, e não o “falar de pessoas”, deve ser sempre o meio a se buscar. A tolerância com as individualidades, personalidades, culturas, histórias e circunstâncias de cada um é premissa fundamental para a convivência, assim como o cuidado na forma de se comunicar e o “fazer com” em substituição à cultura do “fazer para”, contribuindo para o desenvolvimento da construção de autonomia de todos os atores/autores desse processo:

8.1 Educador

Para Paulo Freire, “não existe ensinar sem aprender; quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, dessa forma, em nossa escola, consideramos o aspecto didático do processo educativo e de aprendizagem – a mutualidade inseparável entre educador e educando no processo de ensinar-aprender.

Na Espiral Escola Viva considera-se o educador como:

1. autor e criador de sua própria história e cultura; um ser naturalmente pedagógico, histórico, inacabado, que se forma e se transforma nas diversas e diferentes relações que estabelece com os outros e com o mundo. É dotado de especificidades e considerado nas diversas esferas da vida: social, cultural, familiar, comunitária, interpessoal, emocional, cognitiva, espiritual;
2. ser que age de maneira coerente com os valores da escola;
3. ser que assume o Projeto Pedagógico como seu projeto pessoal, sendo dele coautor;
4. ser que abandona a perspectiva de uma lógica instrutiva de transmissão do conhecimento;
5. ser que ajuda a promover a relação dos educandos com a aprendizagem, provocando curiosidades, estimulando a criatividade, o aprofundamento e o desejo pelo conhecimento.

8.2 Educando

Para Paulo Freire, “não existe ensinar sem aprender; quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, dessa forma, em nossa escola, consideramos o aspecto didático do processo educativo e de aprendizagem – a mutualidade inseparável entre educador e educando no processo de ensinar-aprender.

Na Espiral Escola Viva considera-se o educando como:

1. autor e criador de sua própria história e cultura; um ser naturalmente pedagógico, histórico, inacabado, que se forma e se transforma nas diversas e diferentes relações que estabelece com os outros e com o mundo, dotado de especificidades e considerado nas diversas esferas da vida: social, cultural, familiar, comunitária, interpessoal, emocional, cognitiva, espiritual;
2. ser que age de maneira coerente com os valores da escola;
3. ser que assume o Projeto Pedagógico como seu projeto pessoal, sendo dele coautor;
4. ser que abandone a perspectiva de uma lógica instrutiva de transmissão do conhecimento.

8.3 Família

A integração das famílias no processo pedagógico é garantida tanto pela LDB quanto pelo ECA. Ao conceituar educação, a LDB esclarece que ela “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (art. 1º). Além disso, dispõe que a formação básica do ensino fundamental compreende, entre outros aspectos, “o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” (art. 32, 4). Já o ECA determina o dever “da família, da comunidade, da sociedade em geral e

do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (art. 4º). Também garante, entre os direitos à liberdade, respeito e dignidade, o de “participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação” (art 16, V).

Para Paulo Freire, “não existe ensinar sem aprender; quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, dessa forma, em nossa escola, consideramos o aspecto didático do processo educativo e de aprendizagem – a mutualidade inseparável entre educador e educando no processo de ensinar-aprender.

Assim como os educadores e educandos, a família também é considerada, em seu sentido integral, como:

1. autora e criadora de sua própria história e cultura; uma entidade naturalmente pedagógica, histórica, inacabada, que se forma e se transforma nas diversas e diferentes relações que estabelece com os outros e com o mundo. É dotada de especificidades e considerada nas diversas esferas da vida: social, cultural, familiar, comunitária, interpessoal, emocional, cognitiva, espiritual;
2. entidade que age de maneira coerente com os valores da escola;
3. entidade que assume o Projeto Pedagógico como seu projeto de vida, sendo dele coautora;
4. entidade que abandone a perspectiva de uma lógica instrutiva de transmissão do conhecimento;
5. entidade que ajude a promover a relação dos educandos com a aprendizagem, provocando curiosidades, estimulando a criatividade, o aprofundamento e o desejo pelo conhecimento.

A adesão da família a este Projeto Pedagógico implica atuar na vida escolar, vivenciar e compartilhar na prática do dia a dia os valores da escola e estar aberta ao diálogo sobre todos os processos que a envolvem.

Nesse contexto, a cultura familiar é importante aspecto do processo educativo, na

medida em que consiste num complexo sistema que compreende saberes, conhecimentos, tradições, crenças, arte, moral, ética, conceitos e preconceitos, normas, regras, costumes, hábitos e aptidões que devem encontrar correspondência com a prática escolar, para enfrentar o grande desafio da busca de meios e condições para o equilíbrio entre as culturas familiar e escolar.

8.4 Gestão Pedagógica

Para Paulo Freire, “não existe ensinar sem aprender; quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, dessa forma, em nossa escola, o processo educativo e de aprendizagem caracteriza-se por ser *dodiscente* – conceito que expressa a mutualidade inseparável entre educador e educando no processo de ensinar-aprender.

Na Espiral Escola Viva consideram-se os gestores pedagógicos como:

1. autores e criadores de sua própria história e cultura; seres naturalmente pedagógicos, históricos, inacabados, que se formam e se transformam nas diversas e diferentes relações que estabelecem com os outros e com o mundo. São dotados de especificidades e considerados nas diversas esferas da vida: social, cultural, familiar, comunitária, interpessoal, emocional, cognitiva, espiritual;
2. seres que agem de maneira coerente com os valores da escola;
3. seres que assumem o Projeto Pedagógico como seu projeto pessoal, sendo dele coautores;
4. seres que abandonem a perspectiva de uma lógica instrutiva de transmissão do conhecimento;
5. seres que ajudem a promover a relação dos educadores e educandos com a aprendizagem, provocando curiosidades, estimulando a criatividade, o aprofundamento e o desejo pelo conhecimento.

9 RECURSOS PEDAGÓGICOS

9.1 Tutoria

A tutoria ocorre pelo menos semanalmente, em dia e horário definidos entre tutor e educando, com duração de uma hora. É a partir dela que o educando irá se organizar dentro do tempo estabelecido para o cumprimento de suas pesquisas e estudo.

O tutor, a partir do percurso de aprendizagem desenvolvido pelo educando, monta o Roteiro de Estudos com a participação do educando, compondo-o com os objetivos, competências e habilidades e conteúdos curriculares determinados pela legislação, tanto quanto à sua base comum, como quanto à parte específica, conforme determinado na LDB, nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular.

A tutoria é o momento de encontro entre o tutor (educador profissional) e o educando para refletir acerca dos conhecimentos já adquiridos e dos que ainda necessitam de revisão e aprofundamento. Pensam juntos sobre o novo Roteiro de Estudos para o próximo período (semanal ou quinzenal) e as estratégias para realizá-lo. Na elaboração do Roteiro de Estudos, planejam-se os momentos em que o educando realizará pesquisas individuais ou em grupo e seus encontros com os professores especialistas de cada disciplina.

Nesse processo, ocorre um dos importantes momentos de avaliação da aprendizagem, pois o educando, em conversa com o tutor, contará o que aprendeu e como aprendeu.

A tutoria pode ocorrer de forma individual ou coletiva, conforme o grau de autonomia de cada um. A coletiva costuma ocorrer com as crianças menores ou com educandos que, mesmo com mais idade, ainda não possuem autonomia suficiente para caminhar sem um acompanhamento mais próximo.

O tutor continua com suas orientações, acompanhamentos, reflexões, explicações, indagações após o momento da tutoria, avaliando o caminhar de aprendizagem de cada educando.

9.2 Roteiro de Estudos

O roteiro auxilia o educando a se organizar frente aos seus estudos. Ele é um instrumento de aprendizagem co-criado pelo educando e seu tutor, atendendo às Diretrizes Curriculares Nacionais e à Base Nacional Comum Curricular e à Matriz Curricular e respeitando as individualidades e peculiaridades de cada um, ou seja, não acontece como uma sequência didática, mas atende aos avanços ou dificuldades de cada educando. Não há como definir o roteiro de aprendizagem de cada agrupamento justamente porque cada roteiro é específico de acordo com as necessidades, mas sempre terá como referência as DCN e a BNC e a faixa etária do educando em relação à sua escolaridade. Sua elaboração considera a carga horária das diferentes disciplinas estabelecida na Matriz Curricular da Escola.

No momento da tutoria, educador e educando avaliam o que foi feito e verificam se há necessidade de aprofundamento, como também conversam sobre assuntos que serão abordados no próximo roteiro.

O educador busca relações nas diferentes áreas do conhecimento para integrar o roteiro, mobilizando objetivos que, para serem alcançados, utilizam conteúdos curriculares como ferramentas.

A duração do roteiro está diretamente relacionada à autonomia do educando, podendo ser semanal, quinzenal ou ter outra duração, de acordo com as necessidades específicas.

Ele é base para a elaboração do Plano do Dia do educando e uma das referências para a avaliação e autoavaliação no processo de aprendizagem.

9.3 Plano do Dia

É o gerenciamento do tempo do dia de trabalho escolar. Ele norteia as atividades de cada um dentro da escola e é elaborado com apoio de um educador, conforme o momento de autonomia em que o educando se encontra. É realizado a partir do Roteiro de Estudos e

deve também contemplar os momentos e demandas coletivas. Os educadores que compõem o Núcleo Pedagógico da escola são os responsáveis por orientar a organização e o cumprimento do que foi planejado no momento de tutoria e da elaboração do Roteiro de Estudo. O Plano do Dia serve como base para a avaliação e autoavaliação da atuação das atitudes do educando no dia a dia, como responsabilidade e compromisso.

9.4 Espaços de aprendizagem

Pensamos todos os lugares como espaços de aprender, considerando não apenas as instalações da escola, como também espaços públicos e privados, como bibliotecas, centros culturais, parques, lojas, clubes, sítios, templos, ateliês, empresas, escolas, casas das famílias, entre outros.

Essa multiplicidade da função do espaço soma-se aos recursos pedagógicos utilizados por nossa escola. Assim, as condições favoráveis que os espaços podem fornecer propiciam diferentes experiências educativas que rompem os limites das disciplinas e dos livros didáticos, dando lugar ao aprender mediante o desenvolvimento de projetos de indagação que deem sentido às inquietações dos aprendentes e dos ensinantes.

9.5 Grupo de responsabilidade

Neste Projeto, quando se diz que educadores, educandos e famílias são a escola, isso significa que todos compartilham igualmente as atividades necessárias para a sua efetivação.

O nascimento de um Grupo de Responsabilidade surge a partir de demandas coletivas identificadas pelos educadores e educandos. É composto por educandos, sob supervisão de um adulto.

Os educandos se agrupam mediante um problema comum; assim mantêm reuniões para refletir sobre determinado assunto e conseguem se organizar utilizando ferramentas

como quadros de horários e revezamento entre eles, para garantir as necessárias e possíveis ações.

9.6 Assembleia

É o encontro em que educandos se reúnem para deliberação e tomada de decisão, por consenso, sobre questões que digam respeito ao interesse coletivo. Sua necessidade tem origem na identificação de um objetivo comum, podendo surgir dos educandos, educadores ou familiares.

Ela deve ocorrer de forma a que os educandos a respeitem devido ao reconhecimento do poder que dela emana.

É organizada e administrada por um Grupo de Responsabilidade, que solicita dos educandos temas para a pauta, que devem ser encaminhados a partir de uma justificativa.

O Grupo de Responsabilidade da Assembleia avalia a importância dos temas recebidos e organiza as prioridades da pauta, consultando os educandos sempre que necessário.

Antes da realização da Assembleia, ocorrem reflexões sobre a pauta em pequenos grupos de discussão, formados por educandos sob orientação de um educador, até chegarem a um consenso sobre os assuntos. Um representante é escolhido em cada grupo e faz a apresentação, no momento da Assembleia, do que foi deliberado e, a partir disso, busca-se um consenso geral, em que todos os envolvidos se comprometem a cumprir e ajudar a cumprir o que foi decidido por todos. O educando tem o direito de não participar da Assembleia, mas não o de não cumprir o que nela foi decidido.

A Assembleia é um espaço que contribui muito para o desenvolvimento da argumentação e amplia o exercício da solidariedade, cuidando das necessidades coletivas.

Assembleia Escolar é a estrutura de organização educativa que proporciona e garante a participação de todos nas tomadas de decisões, para que a organização e o funcionamento da escola possam se dar de forma harmônica, com compromisso e responsabilidade.

10 CONDUTORES DO CAMINHO

10.1 Tutor

É o educador profissional, que pensa a educação, critica, avalia e replaneja seu trabalho, põe sua prática, suas atitudes e seu método em questão. Não atua só como professor, mas como um guia, um orientador no processo de aprendizagem, observando cada momento do educando, identificando seus gostos, interesses, aptidões, cultura e questionamentos e acompanhando seu movimento de querer saber, seu aprendizado e suas reflexões sobre ele. Com isso, pode interagir com o educando no sentido de ajudá-lo permanentemente a descobrir ou redescobrir o gosto pelo conhecimento e a buscá-lo por si mesmo.

O tutor é, essencialmente, um mediador da educação, na medida em que é chamado a participar na concretização do Projeto Pedagógico da escola, a co-orientar o percurso educativo de cada educando e a apoiar os seus processos de aprendizagem.

Além disso, o tutor vai muito mais além, cuidando do educando como um todo, pensando no seu bem-estar e procurando conhecê-lo em sua integralidade.

O tutor busca o equilíbrio de sua atuação em outros tutores, uma vez que não tem todas as respostas. Portanto a troca entre educadores é importante para construir a trajetória da tutoria, implicando multiplicidade de olhares sobre a criança.

Além desse olhar profundo e abrangente sobre a criança, ele deve ter o mesmo cuidado quanto à família e na relação com outros membros da escola. Mesmo não sendo o único a olhar para a criança, é quem melhor a conhece no espaço escolar.

10.2 Especialistas

Especialistas são educadores indicados pelo tutor, devido a sua formação acadêmica,

para orientar o percurso de aprendizagem dos educandos em cada uma das dimensões curriculares fundamentais.

10.3 Oficineiros

Serão educadores voluntários, não profissionais, predominantemente familiares, que promovam oficinas de trabalhos práticos, para atender a necessidades pontuais de uma ou mais crianças. O trabalho desenvolvido nas oficinas contempla e complementa o currículo subjetivo do educando.

As oficinas serão oferecidas optativamente no contraturno do período escolar e seu agrupamento será realizado a partir da escolha do educando. Elas podem ser de trabalhos manuais, dança, meditação, contação de histórias, brincadeiras etc., mas não são essenciais às atividades curriculares dispostas na Base Nacional Comum e na Parte Diversificada do currículo, podendo acontecer conforme a disponibilidade e oferta dos familiares.

11 FORMA DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA

O conhecimento do mundo pelas crianças e adolescentes não acontece somente por meio das relações escolares; a escola, no entanto, é um lugar privilegiado para isso. Coerentemente com a compreensão de que o desenvolvimento das estruturas cognitivas se dá de forma não linear, em vez de séries anuais, a Espiral Escola Viva se organizará por Núcleos de Aprendizagem, que são a primeira instância de organização pedagógica do trabalho escolar, correspondendo a unidades coerentes de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e social: Iniciação, Desenvolvimento e Aprofundamento. Assim, a escola contribuirá para que cada educando aprenda a estar, a ser, a conhecer e a agir, norteado por princípios democráticos, priorizando a passagem da heteronomia para a autonomia, o “fazer com” em lugar do “fazer para”, o “falar com” em lugar do “falar de”.

Nesta escola não haverá aulas, nem séries, nem turmas. Os educandos, de todas as

idades e níveis de aprendizagem, poderão ocupar os mesmos espaços e aprender juntos. Os educadores acompanharão o processo de aprendizagem de cada um, orientando na elaboração do Roteiro de Estudo e Planejamento do Dia, bem como avaliando os resultados para os planejamentos subsequentes.

12 CURRÍCULO

Como cada ser humano é único, a experiência de escolarização e o trajeto de desenvolvimento de cada educando são também únicos -- seja para educandos da Educação regular ou especial. A unicidade da criança como ser em permanente desenvolvimento deve ser entendida com base nos Valores do Projeto.

As necessidades individuais e específicas deverão ser atendidas singularmente, já que as características de cada ser implicam formas próprias de apreensão da realidade. Nesse sentido, todo educando tem necessidades educativas próprias, manifestando-se em formas de aprendizagem sociais e cognitivas diversas.

Prestar atenção ao educando tal qual ele é; reconhecê-lo no que o torna único, recebendo-o na sua complexidade; tentar descobrir e valorizar a cultura de que é portador; ajudá-lo a descobrir-se e a ser ele próprio em equilibrada interação com os outros são atitudes fundadoras do ato educativo e as únicas verdadeiramente indutoras da necessidade e do desejo de aprendizagem.

Na sua dupla dimensão, individual e social, o percurso educativo de cada educando supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e o relacionamento solidário com os outros.

A singularidade do percurso educativo supõe a apropriação individual (subjativa) do currículo, tutelada e avaliada pelos educadores, pelos próprios educandos e pelas famílias.

Considera-se como currículo o conjunto de atitudes e competências que, ao longo do percurso escolar, e de acordo com as suas potencialidades e interesses, os educandos deverão adquirir e desenvolver.

O conceito de currículo é entendido numa dupla dimensão: conforme a sua exterioridade ou realização, uma meta – o currículo objetivo, fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular; e como um percurso (único) de desenvolvimento pessoal, um caminho, um trajeto – o currículo interior ou subjetivo. Só o currículo subjetivo (o conjunto de aquisições de cada educando) está em condições de validar a pertinência do currículo objetivo.

A escola valorizará as dimensões curriculares fundamentais, na forma da Lei 9.394/96.

12.1 Articulação Curricular

É indispensável a concretização de um ensino individualizado e diferenciado, referido a uma mesma matriz curricular para todos os educandos, mas desenvolvido de modo diferente por cada um, pois todos os educandos são diferentes. Os objetivos a apreender deverão estar muito próximos da estrutura cognitiva dos educandos, bem assim como dos seus interesses e expectativas de conhecimento.

O projeto curricular de cada educando compreenderá ainda a dimensão tecnológica, entendida numa perspectiva eminentemente transversal e instrumental, e o domínio afetivo e emocional.

Para além de articularem permanentemente a sua ação no âmbito dos Núcleos de Aprendizagem que integrem, numa lógica de trabalho horizontal, os educadores deverão ainda, numa lógica de trabalho vertical e transversal, articular construtivamente a sua ação com os colegas, de forma a garantir a coerência e a qualidade dos percursos de aprendizagem dos educandos à luz do Projeto Pedagógico da escola. Os Saberes Curriculares serão organizados nas seguintes áreas:

- a) Língua Portuguesa
- b) Matemática
- c) Ciências Humanas
- d) Ciências da Natureza
- e) Artes e Cultura Popular
- f) Língua Estrangeira, Culturas e Identidade
- g) Educação Física (Brincar, Corpo e Movimento)
- h) Vida Prática
- i) Relações
- f) Autoconhecimento

13 AVALIAÇÃO

Este Projeto Pedagógico considera a avaliação o ponto central das relações de aprendizagem, independentemente do local ou situação em que os sujeitos do processo educativo se encontrem, entendendo que avaliar é refletir produtivamente sobre seus próprios processos de aprendizagem.

Observando processos usuais de avaliação, consideramos que muitos aspectos não atendem ao Projeto Pedagógico que aqui se delineia. São comuns avaliações feitas exclusivamente por meio de provas, num processo que tende a ser mecânico, impessoal e classificatório, dando pouco espaço para se considerar a subjetividade e as individualidades de cada educando.

Como defende Jussara Hoffman, a avaliação deve ser considerada “uma das mediações pela qual se encorajaria a reorganização do saber. Ação, movimento, provocação, na tentativa de reciprocidade intelectual entre os elementos da ação educativa. Professor e aluno buscando coordenar seus pontos de vista, trocando idéias, reorganizando-as” (2000, p. 67).

Nesse sentido, entendemos que a avaliação deve:

1. promover a aprendizagem;
2. considerar a diversidade e as particularidades de cada educando;
3. ser um processo orgânico, considerando o ser inteiro, num sentido amplo, que compreenda as dimensões cognitiva, social, biológica, cultural, artística, estética, espiritual, em sensível conexão com o meio;
4. ser contínua, sistemática e formativa;
5. acontecer numa relação mútua de aprendizagem entre educador e educando;
6. prevenir-se de promover classificação e competitividade;
7. ser coerente com os Valores do Projeto Pedagógico: Autonomia, Respeito, Sustentabilidade, Sabedoria, Solidariedade;
8. promover bem-estar intelectual, físico e emocional;
9. ser justa, por considerar que todos têm os mesmos direitos e respeitar as especificidades de cada educando;
10. ser honesta, por propiciar a expressão sincera do conhecimento.

13.1 Instrumentos de avaliação

Para que a avaliação pretendida neste Projeto Pedagógico se efetive, poderão ser utilizados os seguintes instrumentos:

1. Atividade de leitura compreensiva de textos
2. Projeto de pesquisa bibliográfica
3. Produção de texto
4. Palestra e apresentação oral
5. Atividades experimentais
6. Projeto de pesquisa de campo
7. Relatório
8. Seminário
9. Debate

10. Atividades com textos literários
11. Atividades a partir de recursos audiovisuais
12. Trabalhos em grupo
13. Questões discursivas
14. Questões objetivas
15. Portfólio

13.2 Processos de avaliação

A avaliação do desenvolvimento do educando será feita com base no acompanhamento diário de seu progresso, contemplando os três campos da cognição que compõem a formação de competências: o desenvolvimento de conceitos (conhecimentos), de habilidades (procedimentos) e de valores (atitudes). A evolução do educando é avaliada e registrada semanalmente pelos educadores por meio de diversos instrumentos, tais como: atividades orais e ou escritas, trabalhos de campo e de casa, pesquisas individuais e coletivas, seminários, testes, observação do comportamento, de atitudes e das conquistas.

No processo avaliativo, para nós, alcançar não significa atingir um ponto, mas faixas de domínio da competência, que vão do Essencial, passando ao Satisfatório e chegando ao Excepcional.

Coerentemente com o princípio de valorização da diversidade e de respeito às diferenças individuais, vemos com naturalidade o fato de os educandos demonstrarem níveis de desempenho diferenciados em cada área, resultado de seu maior ou menor interesse, facilidade ou intimidade com ela. Assim, enquanto um educando alcançar incontestável proficiência em relação a uma determinada competência, outro, menos motivado naquela área específica, garantirá apenas o essencial. Ambos, entretanto, em níveis diferentes, terão assegurado seu direito e dever de aprender.

Procedimentos de avaliação

1. Todo momento de tutoria é um momento avaliatório.
2. A tutoria acontece pelo menos semanalmente; nela o tutor avalia todo o percurso que o educando percorreu.
3. Além da avaliação semanal na tutoria, o educando demonstra seu conhecimento realizando atividades escritas e ou orais, fazendo exposições para os colegas e educadores, explicando ao outro seu conhecimento. Isso pode acontecer em um dia pré-estabelecido, bem como sempre que o educador perceber a necessidade de avaliar como o educando está se organizando em sua aprendizagem para poder orientá-lo melhor.
4. O tutor elaborará um relatório semestral sobre a aprendizagem do educando que será compartilhado com ele. Após esse relatório será encaminhado à família.
5. Os resultados de avaliação (faixas de domínio de competência: Essencial, Satisfatório, Excepcional) serão registrados e apresentados aos educandos e familiares semestralmente e arquivados em seus prontuários.
6. No ato de emissão do histórico escolar, serão atribuídas às faixas de domínio da competência notas de 5 a 10, considerando-se, para efeito de correspondência: 5 a 6 como equivalente à faixa de domínio de competência Essencial; 7 a 8 como equivalente à faixa de domínio de competência Satisfatório; 9 a 10 como equivalente à faixa de domínio de competência Excepcional.
7. Em nossa avaliação -- formativa, contínua e sistemática --, o tutor orientará o educando para ajudá-lo a alcançar a competência essencial, num processo de recuperação diária.

13.3 Autoavaliação

É o momento de repensar valores, atitudes, ações, procedimentos, relações e o quanto

isso auxilia na busca do conhecimento de nós mesmos. É uma das formas de alcançar o bem coletivo, a partir do bem individual, pois só cuidando de si mesmo se pode cuidar do outro.

Praticar autoavaliação é importante no processo de aprendizagem de si e dos saberes existentes. Por ser uma atividade complexa, precisa ser praticada constantemente, por isso não haverá um momento específico anteriormente definido para exercê-la, mas sim a construção constante da sua prática.

A autoavaliação ajudará aos educandos e educadores, tornando-os críticos de sua própria aprendizagem e descobertas, possibilitando que a cada dia cresçam mais em seus respectivos processos de autonomia.

14 GESTÃO

Quando é dito que educadores, famílias e educandos são a escola, isso significa que atuam no sentido de realizar o Projeto Pedagógico e criar as condições necessárias para que ele se efetive. Todos, igualmente responsáveis, participam da gestão pedagógica e administrativa com esse objetivo, que será realizada de maneira horizontal e compartilhada pelas famílias, educadores e crianças, a partir de decisões tomadas por consenso. Quando a família ou o educador adere a este Projeto Pedagógico, assume um compromisso de respeitar, praticar e pensar as ideias expostas neste documento e atuar na escola na realização das atividades institucionais, de gestão pedagógica e administrativa e no dia a dia da escola por intermédio dos Núcleos de Trabalho: Pedagógico, Administrativo, Financeiro, Operacional, Comunicação, Projetos.

Os Núcleos têm autonomia para tomar decisões relativas às suas atribuições e encaminhar questões que extrapolem sua competência a outros Núcleos e à Reunião Cristal (Assembleia Geral), conforme o Regimento Escolar.

15 ACOLHIMENTO DE NOVAS FAMÍLIAS

A gestão pedagógica e administrativa da escola, realizada por meio da participação das

famílias, é ponto fundamental do Projeto Pedagógico. Por isso, o acolhimento de novas famílias é essencial para que a escola possa solidificar sua prática e expandir sua atuação. O acolhimento de novas crianças e adolescentes e suas famílias seguirá os procedimentos abaixo:

1. As famílias interessadas em participar da escola serão recebidas por um Grupo de Acolhimento formado por integrantes do Núcleo Pedagógico.
2. As famílias serão informadas sobre os Valores, Projeto Pedagógico e Regimento Escolar.
3. As famílias terão momentos de conversa com um integrante do Núcleo Pedagógico e agendamento de vivências na escola, em Reunião Cristal ou pedagógica, sábado letivo ou filmes com debates, para que possam compreender melhor o Projeto.
4. Às famílias serão esclarecidos seu papel, comprometimento e responsabilidade na escola.
5. Será agendada uma vivência na escola, realizada pela criança ou adolescente.
6. Será definida uma família da escola para apadrinhar a nova família, orientando-a e ajudando-a no que se fizer necessário.
7. Após esse processo, havendo vaga, a matrícula será efetivada mediante a assinatura do termo de compromisso entre escola e família.

16 BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem: *A Escola com que Sempre Sonhei sem Imaginar que Pudesse Existir*. Campinas: Papirus, 2001.
- ARRIBAS, TERESA e colaboradores. *Educação Infantil: Desenvolvimento, currículo e organização escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do humano, Compaixão pela Terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRASIL. Lei nº 7853 de 24/outubro de 1989 (Dispõe sobre o apoio às pessoas portadoras de deficiência).
- BRASIL. Lei nº 8069 de 13/07/1990 (ECA – Estatuto Da Criança e do Adolescente).
- BRASIL. Lei nº 9394 de 20/12/1996 (LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Relator: Darcy Ribeiro.
- BRASIL. Decreto nº 3298 de 20/12/1999 (regulamenta a Lei nº 7853/89).
- BRASIL. Decreto nº 7611, de 17/11/2011(Dispõe sobre a educação especial e o atendimento educacional especializado).
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Parecer CNE/CEB nº 04/98, de 29/01/1998 – Propõe Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.
- FERNANDEZ, Alicia. *Os idiomas do aprendente*. Artmed, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Política e educação: ensaios*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2001a.
- HOFFMAN, Jussara. *Avaliação Mediadora; Uma Prática da Construção da Pré-escola a Universidade*. 17ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- INODEP (org.). *A mensagem de Paulo Freire; teoria e prática da libertação*. Porto: Biblioteca Nova Crítica, 1977.
- LA TAILLE, Yves de (org.). *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*.

São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Sérgio Godinho. *A Nova Educação e Você – o que os novos caminhos da Educação Básica pós LDB têm a ver com educadores, pais, alunos e com a escola.* 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PACHECO, José. *A Avaliação da Aprendizagem na Escola da Ponte.* Rio de Janeiro, Wak: 2012.

_____. *Escola da Ponte: um outro caminho para a Educação.* São Paulo: Suplegraf, 2004.

PERRENOUD, Phillipe. *Construir as Competências desde a Escola.* Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNICEF. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Plano de Ação para Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem (brochura).* Brasília: Unicef, 1991.

_____. *Coleção Memória da Pedagogia. Jean Piaget: o aprendizado do mundo. nº 1.* São Paulo, 2005.

São José dos Campos, 18 de janeiro de 2018

Claudia Duarte dos Santos – Diretora

RG 33.450.835-6